



"SEM ESSA ARANHA"/ROGÉRIO SGANZERLA

Sganzerla inicia seu trabalho no cinema como crítico em 1964, em São Paulo. Em 1966 realiza uma experiência (16mm), DOCUMENTÁRIO, vencedor de prêmio no II Festival de Cinema Amador JB-Mesbla. "O BANDIDO DA LUZ VERMELHA", 1968, seu filme mais importante, é o rompimento estético com o Cinema Novo. "Tento fazer um cinema livre, exatamente aquele que o Cinema Novo tentou fazer e que, a meu ver, fracassou", declarou ele numa entrevista, em 69, ao Jornal do Brasil.

FILMOGRAFIA

- DOCUMENTÁRIO/ curta-metragem, 16mm, 1966.
- O BANDIDO DA LUZ VERMELHA/ longa, 35mm, 1968, com Paulo Vilaça e Helena Ignês.
- A FORMOSA PISTOLEIRA/longa, 35mm, 1969, com Helena Ignês.
- HISTÓRIA EM QUADRINHOS E HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO BRASIL/documentários, 1969.
- ROMARIA(de Eliseu Visconti) /montagem.
- A MULHER DE TODOS/longa, 35mm, 1970, com Helena Ignês.
- COPACABANA EXAGERADA/longa, 35mm, 1970.
- BETTY-BOMBA/longa, 35mm, 1970.
- SEM ESSA ARANHA/longa, 35mm, 1970, com Helena Ignês e Maria Gladys

SGANZERLA E O CINEMA

"Acho que o cinema de autor vale como um estágio, mas não é conseqüente em si, porque resulta na apologia de uma sensibilidade, de um gosto e coragem individuais; assim, ao mesmo tempo que é uma abertura, é uma limitação. E eu acho que a limitação é justamente essa, de o filme ser individual, um estágio subjetivo de captação e de recriação da realidade."

"Respeito Saraceni, como respeito a obra de Glauber Rocha e do Nelson Pereira dos Santos, os cineastas que melhor conseguiram retratar a realidade brasileira. Mas, de qualquer maneira, estou noutra jogada e - como todo mundo, no fundo - estou só na luta".

"Meus compromissos não são morais ou sentimentais. Sei que sou chocante, desagradável, sincero, ainda bem. Prefiro assumir os riscos da liberdade a endossar podações, mesquinhas, deslumbramentos".

"Meu filme não diz isso ou aquilo; meu filme é".

Maldito ou não, insubmisso ou bem-comportado, o cinema de Rogério está aí, adulto. É a nova linguagem de Rogério é muito mais importante/perigosa do que possa imaginar a Tradicional Família Cinematográfica Brasileira.

JOSÉ WOLF/REVISTA VOZES, julho de 1969.



HELENA IGNÊS